

18-09-2020

O SINAL

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/Goiás.
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/Goiás]

“Olha a laranja!”, grita um menino que passa pela porta do passageiro. “Goiaba, Goiaba!”, fala outro que pula da ilha e corre até um carro que está atrás do meu. Olho pelo retrovisor, o homem levanta o braço – gesto semelhante ao de quem pede cerveja. Sai gente de todo lado - menino, homem, velho - uns correm, outros se seguram na muleta, os cadeirantes procuram um ponto menos movimentado. Espremem-se entre os carros, passam ligeiros, na briga contra os ponteiros. Estou parado num sinaleiro de uma das Ts de Goiânia. Essa cidade deu nome a várias avenidas de T, tipo: T-2, T-7, T-9. Não tenho a mínima ideia do porquê dessas avenidas terem nomes de T. Não sei ao certo, acho que estou no cruzamento de uma T com outra T. Quanta falta de criatividade para batizar pavimentações! Se eu fosse dar nome ao asfalto, colocaria João Cabral de Mello Neto, Cecília Meireles, Clarice Lispector ou até Baudelaire. Jamais letra ou número. E as placas dessas avenidas não teriam setas de vire à direita, SIGA ou PARE, mas pequenos trechos de poemas de Drummond, como “É feia. Mas é uma flor, furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”. No sinal, as coisas acontecem em diferentes velocidades. Deu bola vermelha, os carros vão parando e a galera sai correndo. O vendedor do sinal coloca 60 segundos na cabeça e dispara.

Ele treinou o olhar para captar a vontade, percebe de longe que o sujeito quer comer goiaba.

Não tem cumprimento e nem falsas conversas; fruta para dentro do carro e dinheiro para fora.

Se a laranja não agrada, vai ao próximo freguês, aqui não é lugar de adulação. Até queria comer morangos, não vejo bandejinhas há algum tempo. Acho que o investimento não deu certo, essas frutas apodrecem rápido. Goiânia tem anseios tecnológicos e o sucesso do sinal são os carregadores, capinhas e suportes de celular. Raquetes têm seu nicho de consumidores.

Não se engane, leitor, não praticamos tênis, mas gostamos de eletrocutar mosquitos e muriçocas.

Quando tostamos um pernilongo, fazemos uma cara de “bem-feito, quem mandou nascer muriçoca?!”

A cereja do bolo é um “Enheinnn!!!”, exclamamos goianamente nosso antropocentrismo. Coloco reparo num menino, da idade da minha filha, que passa carregando uma réstia de fios (minha filha ainda é criança), ele, não. Uma caminhoneta baixa o vidro, um bacana de camisa engomada pede um carregador, o menino-homem sente um ventinho gelado soprar no seu rosto ressequido de Sol. As desigualdades, nessas terras, estão até nas temperaturas atmosféricas.

Um outro me pega distraído: ele esguicha água no meu para-brisa e passa um rodinho. Eu tento dizer que não quero, que não preciso, que não tenho dinheiro, mas é tarde. Fuço o bolso e não acho moedas, abro a carteira, vasculho o painel e nada de dinheiro. Pago o rapaz com vergonhosas desculpas, o meu troco é um sorriso amarelo. Uma certa vez, vi um cara dar uns 50 reais para um trabalhador que mendigava no sinaleiro. Aquele lento homem pegou a esmola com um largo sorriso, o motorista fez uma cara de cristão satisfeito. “Será que o camarada é uma boa pessoa ou só fez uma graça para afagar seu próprio ego de homem bom?”. De qualquer forma, minha situação não era muito favorável para julgamentos, eu tinha acabado de dar um calote. Nos últimos 17 segundos, um menino que vendia chiclete foi atropelado por uma moto. Um rapaz mais velho ensaiou ajudá-lo, tinha um certo desespero, parecia que eram próximos, talvez irmãos. Ele estava esperando receber o pagamento do pacote de laranja, seus olhos firmavam desespero, a miséria segurou-o por mais um tempo; ele precisava receber. Um grito foi dado e nada daquele pequeno corpinho pular pro alto. Só faltam 5 segundos para o sinal abrir, ele corre para dar o socorro. Levanta o menino que tinha deixado pano e sangue no asfalto. Segurando no braço mais velho, o ferido, ainda capengando, vai de saci. Nossas ruas não são gentis como as de Chico Buarque, o corpo estendido não atrapalha o trânsito. Desce uma gota de suor e me assusto com uma buzina desesperada.

Fico olhando no retrovisor, aquela cena vai desaparecendo entre para-choques, capôs e roncões de motores. Contudo, eu sei que cenas semelhantes me esperam. Esse teatro real, ao céu aberto, queima esperanças e enrugam-se vidas.

O trabalho informal é um drama que o suor e o vapor borram as frágeis maquiagens do respeito, entretanto, as máscaras dos espectadores estão bem amarradas com os elásticos da meritocracia. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.